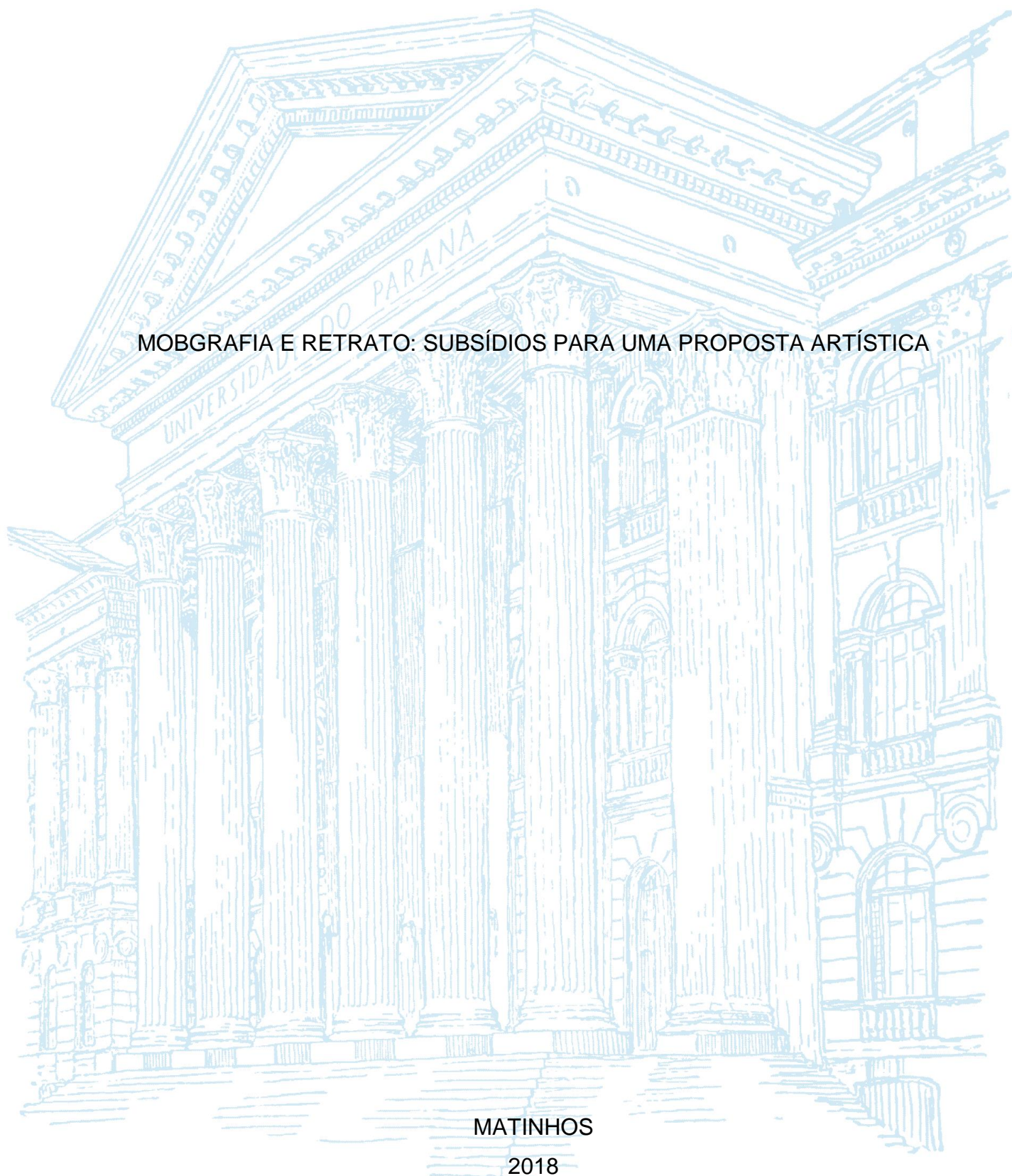


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SHERON NUNES MACHADO

MOBGRAFIA E RETRATO: SUBSÍDIOS PARA UMA PROPOSTA ARTÍSTICA



MATINHOS

2018

SHERON NUNES MACHADO

MOBGRAFIA E RETRATO: SUBSÍDIOS PARA UMA PROPOSTA ARTÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título do grau de Licenciado em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Beatriz Franco Ruschmann.

MATINHOS

2018

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

SHERON NUNES MACHADO

### **MOBGRAFIA E RETRATO: SUBSÍDIOS PARA UMA PROPOSTA ARTÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado, Curso de Licenciatura em Artes, Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná. Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

---

Profa. Dra Carla Beatriz Franco Ruschmann  
Orientadora - Câmara de Artes, UFPR.

---

Profa. Dra Luciana Ferreira  
Câmara de Artes, UFPR.

---

M.e Luiz Eduardo Geara  
Secom, UFPR

Dedico esse trabalho à minha mãe, Sandra Rosa, que nunca deixou de acreditar na minha capacidade de ingressar numa universidade pública; que me incentivou na fotografia e no desenho; que inicialmente escolheu minha profissão e me cativou a seguir este caminho.

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre a Mobgrafia e o retrato como subsídios para uma proposta artística. Discorre brevemente sobre a evolução da fotografia, das origens até seu uso mais popular através de celulares, *smartphones* ou *tablets*, e sua presença principalmente na rede social Instagram e através de concursos. Junto a isso, esta pesquisa expõe o retrato como gênero artístico, fotográfico e descobre seu uso na Mobgrafia. Por fim, utiliza a fotografia com telefone móvel e o retrato como contribuições para uma proposta fotográfica, incentivando seu uso e apresentando uma reflexão sobre a arte fotográfica através do celular. Para isso, foram realizadas pesquisas em livros sobre fotografia – desde os que relatam a história, até aos que ensinam a capturar boas imagens; textos que contextualizam o retrato e a fotografia, referências históricas e consultas em sites de diferentes artistas e *instagrammers*, no sentido de discorrer sobre a proposta artística que une as duas pesquisas. O resultado expõe imagens coloridas, que exploram o rosto dos retratados como principal elemento da composição.

Palavras-chaves: Mobgrafia. Fotografia. Retrato. Experimentação artística.

## **ABSTRACT**

This work presents a research about Mobgraphia and the portrait as subsidies for an artistic proposal. It briefly discusses about the evolution of photography, from origins until its most popular use through cell phones, smartphones or tablets, and its presence mainly in the social network Instagram and through contests as well. Alongside this, the research develops the portrait as artistic and photographic genre, and discovers its use in Mobgraphia. At last, it uses the photography with cellphone and portrait as contributions for a photographic proposal, encouraging its use and presenting an afterthought about the photographic art through the smartphone. For that, the research was conducted on books about photography from storytellers to those who teach to capture good images, texts that contextualize the portrait and the photography, historical references and consultations on different artists and instagrammers websites, in the sense of discussing about the artistic proposal that unite both researches. The result exposes colored images, which explore the portrayed's face as main element of the composition.

Keywords: Mobgraphia. Photography. Portrait. Artistic experimentation.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
2	<b>MOBGRAFIA: ORIGENS E ATUALIDADES</b> .....	11
3	<b>O RETRATO NAS ARTES E NA FOTOGRAFIA</b> .....	20
3.1	FOTÓGRAFOS E SEUS RETRATOS NA MOBGRAFIA.....	27
4	<b>PROPOSTA FOTOGRÁFICA</b> .....	31
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39

## 1 INTRODUÇÃO

Com os avanços tecnológicos e dos equipamentos fotográficos, a câmera migrou para o telefone celular, e a prática fotográfica neste aparelho é nomeada de Mobgrafia. É através da internet, com os sites de relacionamento e redes sociais, que esta tendência cresce a cada dia. Diante disso, esta pesquisa busca reconhecer e contextualizar esta prática fotográfica e seu uso na atualidade, apresentando-a como uma nova tendência fotográfica e artística. Conjuntamente, expõe o retrato como gênero artístico consolidado e seu uso na Mobgrafia, e apresenta uma proposta artística acerca do retrato realizada com a fotografia através do celular, explorando o uso das cores.

Sem compromisso, o *ciberespaço*<sup>1</sup> encontra-se com uma infinita quantidade de imagens, e a dificuldade em se destacar nas novas mídias cresce cada dia mais. Assim como muitos fotógrafos usuários da câmera analógica migraram para a câmera digital, naturalmente os amantes das câmeras digitais buscam se adaptar na fotografia com o celular, pois é o que “alimenta” a internet atualmente.

Kubursly (2006) através de seus escritos no livro “O que é fotografia” apresenta uma reflexão:

Quando se fala em aprender fotografia, logo se pensa em técnica: nos mistérios do laboratório, nos truques e segredos de iluminação, em filtros capazes de operar milagres e outras fantasias assim. É compreensível que todo esse mundo meio mágico exerça grande fascínio e atração. Afinal, existe uma aura mística envolvendo tudo isso. Ser fotógrafo é um pouco como ingressar num clube privado onde só alguns eleitos são admitidos. Cria-se assim uma divisão simplista e errada do mundo em relação à fotografia: de um lado, ficam os que entendem do assunto e são, portanto, fotógrafos; do outro, os leigos que não entendem nada de fotografia e, mesmo que usem uma câmera de vez em quando, não são fotógrafos. (KUBRUSLY, 2006, p.9)

Compreendendo que a fotografia é uma linguagem democrática, Kubrusly (2006) diz que diferente de outras linguagens (pintura, gravura, desenho), e com a industrialização, a fotografia surgiu de forma que todos fossem capazes de fazer suas capturas sem a necessidade de um conhecimento específico em nenhuma ciência. Também popularizou a posse de imagens, que antes só era possível pagando por trabalhos de um pintor.

---

<sup>1</sup> O termo *ciberespaço* se refere à comunicação através das redes de computação, não sendo necessária a presença física para o relacionamento, trocando dados e informações através da conexão com a internet.

Independente do equipamento usado parte-se do mesmo princípio de sempre: capturar luz. Os desafios desta tendência crescem a cada novo dia no mundo contemporâneo, mas a todo o momento aumenta o número de pessoas que usam o telefone celular como novo recurso para capturar imagens. Isso mostra que a fotografia não se limita a um equipamento profissional, mas que é possível ser explorada de diferentes formas. Através da SRSs<sup>2</sup> mais popular de fotografia atualmente – o Instagram – os participantes tornam a fotografia mais igualitária, fazendo uso da plataforma para divulgar seus trabalhos e compartilhar os desafios da Mobgrafia. Alguns desses serão explorados na seção 3.1.

Mesmo com a popularidade da Mobgrafia, consciente ou não, ainda é escassa a pesquisa sobre a temática. A frente deste problema torna-se necessária a ligação de diferentes autores com diferentes vertentes para chegar a esta pesquisa. Assim, a Mobgrafia se apresenta como algo que está sendo escrito no momento que ela acontece: agora.

Junto a Mobgrafia, busca-se neste trabalho expor o retrato como gênero artístico consolidado e seu uso na fotografia com o celular. Para isso, é discorrido uma contextualização histórica do gênero, e seu uso em pinturas, esculturas e na fotografia.

Esta forma de arte tem uma tradição muito antiga. Séculos atrás, os faraós e, mais tarde, os cézares e os reis tinham em sua corte um artista responsável por fazer seus retratos, bem como de suas famílias, parentes e ministros mais ilustres. Mais tarde, no Renascimento, os artistas se tornaram mais independentes, mas as classes mais altas da sociedade, a nobreza e, em seguida, os mercadores ainda queriam retratos. Assim, como patronos dos artistas, eles requisitavam seus serviços para que pudessem ser representados em tal forma de arte. Artistas famosos como Raphael e Leonardo da Vinci, seguidos por Rembrandt e Rubens e, no período moderno, Picasso e Andy Warhol, garantiam seus rendimentos fazendo retratos de reis, duques, lordes, ricos comerciantes e também celebridades. Seus retratos podem ser observados em castelos e mansões, representando a importância da pessoa retratada e de suas famílias. (SOLAR DO BARÃO, 2018. Exposição “M” de Gabriel Bonfim. 7 mar. 2018 – 10 jul. 2018)

O desejo de ter a reprodução de sua imagem é ancestral, em todas as artes visuais. “O homem só não foi o primeiro tema da fotografia por razões técnicas” (KUBRUSLY, 2006, p.42). O desafio do retrato por vezes, encontra-se em capturar a essência do retratado, que em sua maioria só é percebido em poucos segundos

---

<sup>2</sup>. Sites de Relacionamentos ou Sites de Redes Sociais.

diante da lente, quando o sujeito permite ser si mesmo. É importante lembrar que, um retrato se refere à imagem de uma pessoa (reproduzida na pintura, desenho, fotografia etc), mas que não necessariamente apresenta todos os detalhes de sua característica física.

O primeiro ser humano a aparecer numa fotografia estava absolutamente inconsciente de sua condição de “modelo”, e mesmo para o fotógrafo sua imagem deve ter sido uma surpresa. Daguerre se prepara para fotografar, do alto, um *boulevard* parisiense. Um homem para numa esquina e decide engraxar os sapatos, sem saber que será a primeira “vítima” da objetiva. O pé apoiado na caixa do engraxate “invisível” o mantém imóvel durante um tempo suficiente para que sua imagem seja registrada. No *boulevard* deserto ficou apenas sua silhueta; ninguém sabe seu nome ou quem seja; até mesmo a data desta imagem é incerta” (KUBRUSLY, 2006, p.38)

Neste contexto, percebe-se que o primeiro retrato fotográfico não foi limitado a uma fotografia de busto, e nem possuía todos os detalhes do sujeito visível, sendo apenas uma silhueta. Com base nesta descrição da origem do retrato na fotografia citada por Kubrusly, considera-se neste trabalho que, retrato é toda imagem que busque representar um sujeito, seja qual for o nível desta descrição.

Vale ressaltar que, a palavra “retrato” por vezes é confundida com o ato de fotografar; tornando-se comum ouvir “tirar um retrato” mesmo se tratando de uma paisagem, arquitetura e outros. Termo esse usado de maneira errada. “Retrato, na sua concepção original, era necessariamente a imagem de uma pessoa” (KUBRUSLY, 2006, p.29). Isso nos mostra como “sempre esse foi o tema mais importante da fotografia” (KUBRUSLY, 2006, p.29).

Este trabalho apresenta uma proposta artística que utiliza a Mobgrafia como técnica e procedimento, e o retrato, junto às cores, como temática a ser explorada na obra. Como fonte de pesquisa para esta proposta, foram realizados estudos sobre fotografia e o retrato, desde sua contextualização histórica, até seu uso atual em telefones móveis, buscando subsídios teóricos e práticos para a efetivação desta proposta.

## 2 MOBGRAFIA: Origens e atualidade

A fotografia, cuja origem da palavra em grego *photos* – luz e *grafos* – escrita, significa escrever com a luz; desde seu início possui relação direta com a câmera escura<sup>3</sup>. O conhecimento sobre este processo ótico é muito antigo. Fainguelernt (2014), em seu texto nos diz que:

Os primeiro relatos sobre a utilização das câmeras escuras datam de escritos deixados na china por Mo Ti por volta de 4000 AC. Aristóteles, em torno de 300 AC, questionava-se sobre a projeção de imagens (RENNER, 2000); já nesta época a observação dos fenômenos espaciais, como os eclipses solares, eram efetuados através de pequenos orifícios a fim de evitar danos a visão. (FAINGUELERNT, 2014, p.2)

Do conhecimento sobre a câmera escura à realização das primeiras fotografias da história, passaram-se muitos anos. Oficialmente a primeira fotografia foi realizada por Joseph Nicéphore Niépce em 1826, um registro que demorou mais de oito horas para ser produzido. Posteriormente, Louis Jacques Mandé Daguerre desenvolveu um novo método de registro fotográfico, nomeado de Daguerreótipo, reconhecido em 1939. Na mesma época, o inglês Willian Fox Talbot, gravava igualmente imagens com câmera obscura, utilizando o processo parecido ao de Daguerre e Niépce, que passou para a história com os nomes de talbotipia ou calótipo (Oliveira, 2006).

Desde os primeiros equipamentos fotográficos e seus procedimentos, somente em 1888 foi apresentada por George Eastman a primeira câmera com filme da Kodak; de acordo com Salles:

Eastman projetou uma câmera pequena e leve, cuja lente era capaz de focalizar tudo a partir de 2.5m de distância, e, seguidas as indicações de luminosidade mínimas, era só apertar o botão. Depois de terminado o rolo, o fotógrafo só precisaria mandar a câmera para o laboratório de Eastman, que receberia seu negativo, cópias positivas em papel e a câmera com um novo rolo de 100 poses. Seu slogan era “Você aperta o botão, nós fazemos o resto.” Uma verdadeira revolução, que fez da Kodak uma gigantesca empresa, pioneira em todos os demais avanços técnicos que a fotografia adquiriu até hoje. (SALLES, 2004, p.11 )

---

<sup>3</sup> “A câmera escura nada mais é que uma caixa preta totalmente vedada da luz com um pequeno orifício ou uma objetiva em dos seus lados.” (SALLES, 2004, p.1)

Posteriormente, em 1948, o físico Edwin Land apresentou sua criação nomeada como Polaroid. Não demorou muito para que logo em seguida fosse introduzido o filme colorido, em 1963. Anos depois, a Canon lançava sua primeira câmera SLR automática<sup>4</sup>.

A câmera digital trouxe uma grande revolução na substituição do filme. Oliveira (2006, p.3) diz que, “Desde que foi descoberta, a fotografia analógica pouco evoluiu. Permaneceu com seus princípios ópticos e formatos por mais de 100 anos, reinando absoluta na história, como se o processo descoberto pelos pioneiros fosse, de fato, eterno”. Segundo Oliveira (2006), foi através do fotojornalismo que, houve cobrança por equipamentos mais leves e ágeis, e com a fotografia digital todo o fascínio pela fotografia analógica entrou em declínio.

A tecnologia fotográfica avançou para diferentes formatos e possibilidades. A compactação nos equipamentos fotográficos foi algo muito explorado nos últimos anos, e os primeiros celulares com câmera chegaram ao início do século XXI. Com variadas funções, o aparelho se tornou algo quase indispensável. O telefone celular se popularizou muito mais do que George Eastmann imaginou quando criou a câmera portátil (BRUNET, 2007). Tão acessível e comum, tem-se acesso à uma câmera estando em qualquer lugar, através do telefone celular. Em alguns casos, o sonho de ter uma câmera digital de última geração foi substituído pela vontade de ter um aparelho com câmera de qualidade.

Atualmente, a prática fotográfica está presente no cotidiano de muitos, porém de uma forma diferente da qual se estava acostumada há alguns atrás. Bertone em sua pesquisa – uma das primeiras que cita o termo “Mobgrafia”, escreve que:

Não há melhor maneira de criar ou contar uma história do que no momento em que ela acontece e ainda poder dividi-la. A mobgrafia permite isso. É um movimento que estimula a arte fotográfica e visual. É a arte em movimento. (...) No entanto, vemos que a mobgrafia torna-se, aos poucos, um novo produto cultural, gerado do novo conceito de fotografia; tendência forte para os próximos anos, diante de todo o avanço tecnológico e digital, de produção e compartilhamento de conteúdo cultural. (BORTONE, 2017, p. 13)

---

<sup>4</sup> SLR ou DSLR é a abreviatura de “Digital Single Lens Reflex”, no qual se refere à uma câmera digital que usa um sistema automático de espelhos para capturar imagens.

Segundo a autora citada acima, a “Mobgrafia”, uma das principais ferramentas de comunicação da era digital, é o termo utilizado para se referir ao registro e edição de imagens, feito através de dispositivos móveis, sendo estes desde um aparelho de telefone com câmera até o tablet.

A característica da fotografia *mobile* se dá pela condição da imagem ser capturada através de um dispositivo móvel e que seu tratamento/edição seja realizado no mesmo equipamento (diferente de câmeras convencionais), com o uso de aplicativos de edição disponíveis para *download* na plataforma *online* de cada aparelho, como por exemplo, o app VSCO, um dos mais usados atualmente. Dentre outros, temos: *Adobe Photoshop Lightroom CC*, *Afterlight*, *Snapseed* e o próprio Instagram.

Outro ponto que podemos dar importância é que, a fotografia *mobile* tem a característica da praticidade, uma vez que se pode contar histórias em tempo real, algo com a “cara do nosso tempo”.

Através da constante conexão móvel com a internet, a Mobgrafia mostrou-se com muitos interessados ao novo estilo de fotografar, com imagens sendo compartilhadas instantaneamente com qualquer pessoa. Neste contexto, surgem as SRSs<sup>5</sup> que, ampliam e facilitam o compartilhamento de conteúdo com um número maior de pessoas ao mesmo tempo.

Com as mobgrafias, encontramos uma busca mais aprimorada na produção cultural fotográfica, além de imagens “novas” e “boas”, que fogem à banalização, constrói-se o desenvolvimento de um trabalho mais consciente, uma tendência pela criação de aberturas capazes de estabelecer uma relação menos aflitiva com a técnica e mais comprometida com os sentimentos de identificação. (BERTONE, 2017, p.15)

A Mobgrafia contempla muitos fotógrafos profissionais que “migraram” da câmera digital para o celular. Muitos deles publicam seus trabalhos através do instagram, um aplicativo específico para o compartilhamento de imagens de forma “instantânea”. Para Bertone:

Instagram é uma rede social de fotografia que tem por objetivo a captura e compartilhamento de fotos para iPhone e Android. Foi criado em 2010, a partir de outro aplicativo e, logo no início, atingiu a marca de 1 milhão de usuários, sendo eleito o melhor aplicativo no iTunes, em 2011, pela Apple. O primeiro recurso que chamou atenção em suas características foi o de adicionar filtros às fotos, reproduzindo lentes de câmeras analógicas. (BERTONE, 2017, p.11)

---

<sup>5</sup> Sites de Relacionamento ou Sites de Redes Sociais.

É interessante observar como a humanidade tem a necessidade de registrar sua trajetória e as pessoas que a cercam, mesmo com a constante mudança e evolução dos aparelhos fotográficos que por muitas vezes se tornam difíceis de acompanhar. Susan Sontag os apresenta uma análise interessante sobre a fotografia:

Aquela época em que tirar fotos demandava um aparato caro e complicado – o passatempo dos hábeis, dos ricos e dos obsessivos – parece, de fato, distante da era das cômodas câmeras de bolso que convidavam qualquer um a tirar fotos. As primeiras câmeras, feitas na França e na Inglaterra no início da década de 1840, só contavam com os inventores e os aficionados para operá-las. Uma vez que, na época, não existiam fotógrafos profissionais, não poderia tampouco haver amadores, e tirar fotos não tinha nenhuma utilidade social clara; tratava-se de uma atividade gratuita, ou seja, artística, embora com poucas pretensões a ser uma arte. Foi apenas com a industrialização que a fotografia adquiriu a merecida reputação de arte. Assim como a industrialização proporcionou os usos sociais para as atividades do fotógrafo, a reação contra esses usos reforçou a consciência da fotografia como arte. (SONTAG, S; pg.10, 2004)

Na pontuação feita por Susan Sontag (2004), torna-se possível fazer um comparativo à Mobgrafia, através da popularidade que o aparelho celular obteve ao longo dos anos, pois o telefone celular é um aparelho acessível; muito mais que uma câmera fotográfica. Embora tenha havido o tempo em que a fotografia se limitava apenas a profissionais e amadores, esta se tornou mais comum com a chegada das câmeras em celulares. Certamente o número de amadores cresceu drasticamente em pouco tempo, mas foi o que tornou possível obter uma ferramenta de “fazer arte” em mãos a todo tempo, onde estivermos. Ainda sim, Susan Sontag ressalta a importância de ter consciência ao fotografar, para que se possa fazer arte. Para Bertone:

“A imagem fotográfica no conteúdo cultural é um dos aportes mais importantes dos pilares culturais, trazendo à tona a estética da fotografia como uma maneira de concretizar uma leitura da arte a partir dos vestígios encontrados na imagem. A fotografia como arte e linguagem está vivendo um momento único, tão importante como foi seu próprio surgimento. Podemos chamar tal acontecimento como um renascimento da arte, justamente por conta de uma inclusão e compartilhamento; fatos que eram inimagináveis há tempos atrás”. (BERTONE, 2017, p.13)

Foi através dos movimentos culturais, entusiastas e jornalistas, que o Mobgrafia teve seu despertar, principalmente nos Estados Unidos e Europa. Ainda sendo um conceito novo que tem difundido entre os adeptos desde 2011 (BERTONE, 2017). Ela ainda nos diz que “é um movimento que estimula a arte

fotográfica e visual. É a arte em movimento” (BERTONE, 2017, p.13). A seguir, apresentam-se alguns destes movimentos, que crescem a cada dia no mundo contemporâneo.

Em 2012, criou-se o movimento mObgraphia Cultura Visual. Cadu Lemos e Ricardo Rojas apresentam um projeto sem fins lucrativos de inserção social e digital que tem como objetivo ser um movimento inclusivo e democrático que transmita a troca de informação e conhecimento em fotografia, vídeo e arte produzida em plataformas mobile (MOBGRAPHIA, 2016).

Nosso papel é ampliar e fortalecer o poder de contar histórias no momento em que acontecem, multiplicar uma criação assim que o artista entende que está pronta para ir ao mundo, criar condições para que as pessoas possam se reunir, debater, aprender e ensinar, irradiando mais e mais essa nova fase da fotografia, que Joan Fontcuberta batizou de post-fotografia e nós, de mobgrafia. Porque mobgrafia é fotografia. Não existe foto mobile, iphoneografia, fotografia móvel e outros nomes que tentam expressar algo que continua o mesmo: A criação e difusão de imagens. Hoje existe a possibilidade de se captar, editar e compartilhar em tempo real aquilo que se viu, dando poder e inclusão de forma democrática, de uma forma sem precedentes na história da comunicação.

Os smartphones não fazem apenas parte da nossa vida, são parte de quem somos, de como nos relacionamos e nos comunicamos. (MOBGRAPHIA, 2016)

Dentre o que a mObgraphia apresenta, anualmente acontece o FLAMOB – Festival Latino Americano de Mobgrafias, que conta com 4 edições até o momento, sendo o último sucedido em 2017. O festival seleciona as melhores fotos de diferentes categorias, como paisagem, documental, artística, urbanas e retrato; na qual a participação pode acontecer através do Instagram. Aos inscritos na categoria Ensaio daquele ano, concorreram a ganhar a passagem de ida e volta do *Buenos Aires Mobile Festival*; que Cadu Lemos inclusive já foi um dos jurados deste outro festival internacional; e suas imagens expostas por 45 dias no MIS<sup>6</sup>.

Com um trabalho já consolidado, dois festivais e prêmios nacionais no MIS, um festival internacional de filmes de celular, vários prêmios, cursos, workshops e exposições realizadas, dois livros publicados e parcerias com grandes empresas, a mObgrafia Cultura Visual se estabelece como referência na América Latina, buscando sempre oportunidades de divulgar e agregar a arte da nova geração. (MOBGRAPHIA, 2016)

---

<sup>6</sup> Museu de Imagem e Som na cidade de São Paulo.

FIGURA 1 - SÉRIE FOTOGRÁFICA DE MARIA DI ANDREA HAGGE, 2017. VENCEDORA DO FESTIVAL FLAMOB 2017.



FONTE: MOBGRAFIA, 2017

Responsável pelo *Buenos Aires Mobile Festival*, o blog *POPKORN* foi criado em 2010 por Javier Siriani, dedicado à fotografia móvel e a entender como uma nova forma de expressão. O objetivo é incentivar a arte e novas formas de expressões através do site, festival e workshops; visando popularizar a fotografia e democratização da arte.

Nuestro Rol: Amplificar y fortalecer el poder de contar historias en el momento que suceden, potenciar a los artistas digitales, propiciar ámbitos de reunión, debates, intercambios, aprendizajes y enseñanza sobre este nuevo paradigma de la fotografía. Mobgrafia, foto móvil, iphoneografía, fotografía snack, instagramers: la fotografía concebida con un celular. Capturar, editar y compartir en tiempo real lo que sucede. La fotografía fue analógica, luego digital, ahora es móvil y social. Nuestros fotógrafos comparten una visión de la crónica en los acontecimientos mundiales, las personas, los lugares y la cultura con una

narrativa poderosa que desafia la convención, rompe el status quo, redefine la historia y transforma vidas.<sup>7</sup> (POPKORN, 2018)

Assim, a POPKORN promove festivais que envolvem de fotografias à vídeos mobile, com premiações em diferentes categorias. Abaixo, algumas fotos resultadas do movimento:

FIGURA 2 - CLAUDIO GUTIÉRREZ, 2015. 2º LUGAR NA CATEGORIA RETRATO DO BUENOS AIRES MOBILE FESTIVAL.



FONTE: POPCKORN, 2015.

---

<sup>7</sup> Tradução: “Nosso papel: Amplificar e fortalecer o poder de contar histórias à medida que elas acontecem, capacitar artistas digitais, promover espaços de reunião, debates, intercâmbios, aprender e ensinar sobre esse novo paradigma da fotografia. Mobgraphics, foto móvel, iphoneography, fotografia do snack, instagramers: fotografia concebida com um telefone celular. Capture, edite e compartilhe em tempo real o que acontece. A fotografia era analógica, depois digital, agora é móvel e social. Nossos fotógrafos compartilham uma visão da crônica em eventos mundiais, pessoas, lugares e cultura com uma poderosa narrativa que desafia as convenções, rompe o status quo, redefine a história e transforma vidas.”

O concurso de fotografia Mira Mobile Prize, conta com 6 categorias, sendo elas: paisagem, retrato, cotidiano, arquitetura, abstrato e arte digital. Oferece ao vencedor uma viagem completa para a cidade de Porto – Portugal. Os demais vencedores, participam da exposição no Espaço Mira.

Na zona mais deprimida da cidade do Porto, Campanhã, nasceram duas galerias que têm a fotografia como protagonista principal e que ocupam dois dos onze armazéns na Rua de Miraflor. A consulta dos arquivos localiza a sua construção entre 1908 e 1917 que serviam o comércio feito através da estação de Campanhã. O armazenamento de vinho, o fabrico de redes de pesca, material de escritório e outros conheceram a decadência provocada por novas rotas e novos meios de transporte. Grande parte dos armazéns abandonados há décadas pareciam condenados à derrocada. Foi a sua dimensão (cerca de 200 metros quadrados), a sua altura, as paredes em granito e as portas majestosas que levaram os fotógrafos Manuela Matos Monteiro e João Lafuente a adquirir dois armazéns que são hoje duas galerias: Espaço MIRA e o MIRA FORUM. Uma das preocupações foi recuperar os dois lugares respeitando a sua traça e materiais de origem sendo hoje considerados exemplos de uma reabilitação bem conseguida. A iniciativa dos dois fotógrafos contaminou outras vontades e, neste momento, os onze armazéns estão ocupados na sua maioria a pessoas relacionadas com as artes. (MIRA Mobile Prize, 2018)

O espaço MIRA FORUM, se classifica como um centro cultural, sendo um lugar interdisciplinar que dispõe de diversos eventos artísticos. Já o Espaço MIRA, é uma galeria fundamentalmente ligada à fotografia e as relações com outras artes. Ainda, o movimento conta com um terceiro espaço nomeado de MIRA | Artes Performativas que, como o nome diz, é um espaço reservado para a arte em *performance*, e além disso, oferece workshops, cinema, concertos e outros.

FIGURA 3 - AYLIN ARGUN, 2018. VENCEDORA DO CONCURSO MIRA MOBILE PRIZE 2018 – 5ª EDIÇÃO.



Fonte: MIRA MOBILE PRIZE, 2018

Por último, coloca-se o *iPhone Photography Awards*, concurso mundial de fotografias capturadas através de aparelhos da empresa tecnológica Apple. Neste, é composto por 18 categorias fotográficas, sendo elas: abstrato, animais, arquitetura, crianças, floral, paisagem, estilo de vida, natureza, notícias e eventos, panorama, pessoas, retrato, série (3 imagens), natureza morta, pôr do sol, viagens, árvores e outros. O vencedor, de qualquer nacionalidade, dependendo de sua classificação, concorre a uma barra de ouro ou paládio, certificado e exposição em galeria. O concurso foi fundado em 2007, mesmo ano que o primeiro iPhone foi lançado, e acontece anualmente desde então.

FIGURA 4 - ALEXANDRE WEBER (SUÍÇA), 2018 – “BAIANA IN YELLOW AND BLUE” 1º LUGAR NA CATEGORIA FOTOGRAFIA DO ANO.



FONTE: IPPAWARDS, 2018.

### 3 O RETRATO NAS ARTES E NA FOTOGRAFIA

O retrato se apresenta com a intenção de representar o sujeito humano. O retrato nas artes é um gênero explorado há muito tempo. Antes mesmo da fotografia, o retrato já era comum em pinturas e esculturas através da representação humana e no registro histórico de seres individuais. Na história representou muitos ricos e poderosos, relacionados às cortes e impérios, onde os mesmos possuíam artistas responsáveis pela realização dos retratos. Disponíveis aos que podiam pagar pelas obras, ou que tinham notável importância.

Os primeiros retratos conhecidos são efígies em moedas ou medalhas, indicando que o gênero nasce como uma simples silhueta. Na efígie, por suas dimensões, busca-se o aspecto típico do retrato ou, como observa Bernard Berenson, procura-se enfatizar a marcialidade do soldado, o judicioso do juiz, a clericalidade do prelado, a elegância da mulher elegante, a sociabilidade do homem na sociedade. Na pintura, ao contrário, busca-se afirmar os traços individuais do modelo. Por isso, o retrato pintado floresce sobretudo no Renascimento, no qual o homem, dentro de uma visão humanista, está no centro de todas as preocupações. Porém, diz Herbert Read, nos melhores retratos, o artista ultrapassa o caráter individual do modelo, buscando nele valores universais. (INST. CULTURAL ITAÚ, 1995)

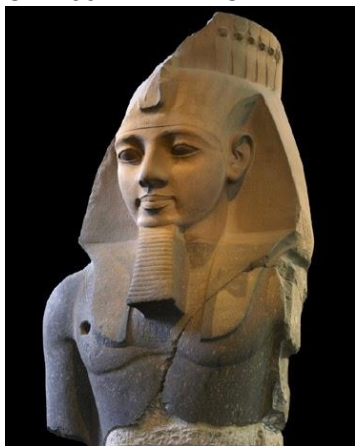
Na antiguidade, os egípcios buscavam representar faraós e deuses. Procuravam transpassar a ilusão de imortalidade desses seres, traduzindo a impressão de força e majestade (MARTINS; IMBROISI, 2018). De acordo com Gombrich (2012, p.58), “Os egípcios acreditavam que apenas preservar o corpo não era bastante, mas que, se uma fiel imagem do rei fosse preservada, não havia a menor dúvida de que ele continuaria vivendo para sempre”, assim levando essa imagem até mesmo na morte, junto às tumbas (Figura 5).

Ainda, Gombrich (2012) diz sobre esses primeiros retratos serem considerados umas das mais belas obras da arte egípcia, no qual é percebido que os escultores não se preocupavam em lisonjear seu modelo, mas sim transmitir os aspectos essenciais do retratado.

Talvez seja por causa dessa rigorosa concentração nas formas básicas da cabeça humana que esses retratos permanecem tão impressionantes. Pois, apesar da sua rigidez quase geométrica, não são tão primitivos quanto as máscaras indígenas que nos ocupamos. Nem tão fiéis à realidade quanto os retratos naturalistas dos escultores nigerianos. A observação da natureza e a regularidade do todo são equilibradas de um modo tão uniforme que essas cabeças nos impressionam por sua expressão de vida, sendo, no entanto, remotas e permanentes. (GOMBRICH, 2012, p.58)

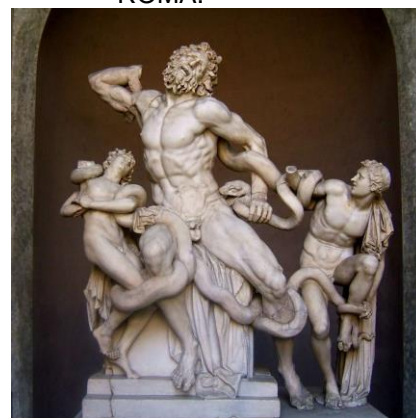
Embora as estátuas gregas tenham nascido para venerar os deuses, ao contrário dos egípcios ou persas, eram concebidos à imagem e semelhança do homem. O antropomorfismo através da escultura foi considerado insuperável, com as formas e o movimento (Figura 6) (MARTINS; IMBROISI, 2018).

FIGURA 5 - BUSTO DE RAMSÉS II,  
C. 1290 A 1224 A.C



FONTE: HISTÓRIA DAS ARTES,  
2018

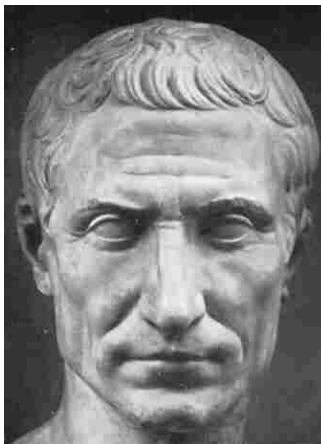
FIGURA 6 - LAOCOONTE E SEUS  
FILHOS, DE AGESANDRO, POLIDORO E  
ATENODORO, MUSEU DO VATICANO,  
ROMA.



FONTE: HISTÓRIA DAS ARTES,  
2018

De acordo com Martins e Imbroisi (2018), as esculturas romanas se apresentavam mais fiel às pessoas. Diferentes dos gregos, não buscavam um ideal de beleza, se tornando mais realista. Logo, obtiveram mais sucesso nos retratos, representando imperadores e homens da sociedade.

FIGURA 7 - ESCULTURA "RETRATO" DO IMPERADOR ROMANO JULIO CESAR



FONTE: HISTÓRIA DAS ARTES, 2018

Na pintura, o retrato teve seu reconhecimento principalmente no Renascimento. Artistas como Leonardo da Vinci, Botticelli, Rafael, Michelangelo são

alguns dos muitos nomes lembrados, de pintores que ficaram conhecidos por seus retratos. Marcados pelo uso da perspectiva, do claro-escuro e do realismo, marcaram uma época com uma exclusividade de detalhes. Um dos artistas considerado “divino” foi Michelangelo Buonarotti, que impressionou o mundo com suas pinturas (Figura 8) e esculturas (Figura 9).

FIGURA 8 - “A CRIAÇÃO DE ADÃO”, 1508-1512, MICHELANGELO, TETO DA CAPELA SISTINA, VATICANO.



FONTE: HISTÓRIA DAS ARTES, 2018

FIGURA 9 - “DAVI”, MICHELANGELO, GALERIA DA ACADEMIA, FLORENÇA.



FONTE: HISTÓRIA DAS ARTES, 2018

Outra personalidade notável foi Albrecht Dürer, uma artista renascentista nórdico. Conhecido por seus infinitos detalhes, e seus trabalhos gráficos notáveis, e principalmente por ser “o primeiro a se deixar cativar pela própria imagem, deixando uma série de autorretratos” (MARTINS; IMBROISI, 2018).

Dürer apresenta seu autorretrato icônico de 1500, nomeado de “Autorretrato aos 28 anos” (Figura 10), no qual Martins e Imbroisi (2018) dizem ser uma pose semelhante à de Cristo. Na obra, uma declaração semelhante à, “Eu Albrecht Durer de Nuremberg, pintei-me a mim em cores apropriadas aos 28 anos de idade”. A frase junto ao olhar impactante, torna-se uma de suas obras mais marcantes.

No movimento Barroco, eram predominantes as emoções e não o racionalismo da arte renascentista. Também se tornou uma época de conflitos espirituais e religiosos (MARTINS; IMBROISI, 2018). Um dos artistas que se pode citar é Diego Velázquez, pintor espanhol reconhecido por seus diversos retratos, que também registou pessoas da corte espanhola do século XVII (Figura 11).

FIGURA 10: “AUTORRETRATO AOS 28 ANOS”, ALBRECHT DÜRER, 1500.



FUNTE: WIKIART, 2018

FIGURA 11: “FELIPE IV EM MARROM E PRATA”, 1631-35, DIEGO VELÁZQUEZ, NATIONAL GALLERY, LONDRES.

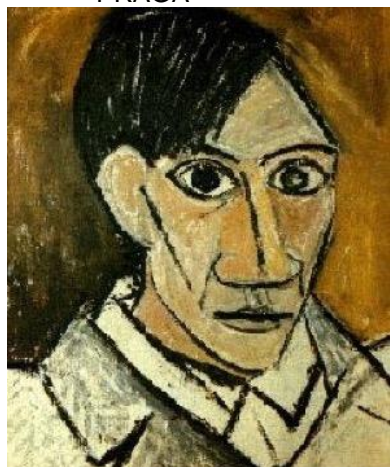


FUNTE: HISTÓRIA DAS ARTES, 2018

A pintura retratista junto às esculturas continuou se destacando por diferentes movimentos aos passar dos anos. No período Neoclássico se destacou pelas produções academicistas. No Romantismo, marcado por revoluções políticas, sociais e culturais, “os artistas românticos procuraram se libertar das convenções acadêmicas em favor da livre expressão da personalidade do artista” (MARTINS, IMBROISI, 2018). Neste período destacam-se artistas como Francisco Goya, pintor e gravador espanhol, que retratava personalidades da corte, o povo e até horrores da guerra. (MARTINS, IMBROISI, 2018). Seguindo para o Realismo, Impressionismo (revolucionando o uso das cores) e expressionismo, que aos poucos o retrato deixa de ser uma representação fiel à imagem do homem.

No Cubismo, destaca-se Pablo Picasso, que assim como Dürer também apresentou um autorretrato. No movimento representava “os objetos com todas as suas partes num mesmo plano. É como se eles estivessem abertos e apresentassem todos os seus lados no plano frontal em relação ao espectador” (MARTINS; IMBROISI, 2018), transformando o retrato e o mundo a sua maneira.

FIGURA 12: AUTORRETRATO,  
PABLO PICASSO, GALERIA NACIONAL DE  
PRAGA



FONTE: HISTÓRIA DAS ARTES,  
2018

FIGURA 13: “JACQUELINE DE  
MÃOS CRUZADAS”, PABLO PICASSO, 1954



FONTE: HISTÓRIA DAS ARTES,  
2018

Na fotografia, antes do advento da câmera instantânea, quase todos os retratos eram encomendados. Um artista ou fotógrafo profissional era contratado para criar uma reprodução de uma determinada pessoa. Jenkinson (2012) fala sobre a valorização do retrato, através das pinturas e fotografias *post-mortem*<sup>8</sup> que eram comuns no século XIX, a fim de preservar a memória de falecidos da época.

A fotografia tornou o retrato mais acessível, antes mesmo da criação da Kodak em 1888, por George Eastman. De acordo com Jenkinson (2012):

Uma das formas mais comuns da criação de retratos fotográficos do século 19 era conhecida como *carte de visite*, que eram, literalmente, cartões de visita geralmente apresentados quando um futuro negócio ou contato social era solicitado. Eram fotografias muito importantes, pois, em uma época anterior ao telefone e os e-mails, geralmente serviam para dar uma primeira impressão de um futuro pretendente ou sócio-comercial. Por esta razão, o *carte de visite* procurava imitar o estilo visual e as referências da mídia de retrato mais cara da época, que era a pintura. Era comum os estúdios alugarem roupas para os clientes a fim de apresentar uma imagem de riqueza. (JENKINSON, pg.14, 2012)

Com os avanços tecnológicos e a popularização da fotografia, os retratos passaram a ser mais íntimos. Isto por que, a câmera chegou a mãos de amadores, que acabavam usando o objeto como recurso para registrar o próprio cotidiano e as pessoas que o cercavam. Documentando a própria vida, os retratos deixaram de ser

<sup>8</sup> Fotografias pós-morte. Fotografar os mortos.

um registro da imagem que as pessoas queriam passar de si mesmo, mas sim uma representação mais parecida com quem realmente é.

Na atualidade, através da tecnologia, é possível acompanhar a vida íntima das pessoas de forma muito fácil. As redes sociais mostram o uso da câmera digital e até mesmo de celulares, criando uma nova estética para os retratos, que de acordo com Jenkinson (2012), pode ser nomeada de “estética do instantâneo”. Este novo jeito de capturar imagens retrato, reforça os possíveis “enganos” que amadores podem cometer, mas que até mesmo profissionais se adaptaram para criar numa nova maneira de fotografar. Descontraídas ou profissionais, o retrato mudou ao longo dos anos (Jenkinson, 2012). Carneiro (2013) nos diz que, “A inserção de novas mídias, como as mídias digitais e sociais, em nossa sociedade contemporânea traz consequências não apenas do caráter de uso, mas sobre a forma como a sociedade as compreende e como se comporta frente a elas” (CARNEIRO; OLIVEIRA, 2013, p.1.). Pensando nisso, lembra-se do retrato mais comum que vemos atualmente, nomeado de *Selfie*<sup>9</sup>.

Na fotografia, acredita-se que a execução de autorretratos pode ser datada de 1839, quando o químico e pioneiro da fotografia americano Robert Cornelius virou suas lentes para si (ZHANG, 2011), e esta prática foi reproduzida por grandes nomes da fotografia, bem como por ilustres desconhecidos desde então (SOARES, 2014, p. 182).

Com o surgimento da internet, se tornou comum a “superexposição da vida privada pelo uso do autorretrato publicado em SRSs” (SOARES, 2014, p. 188). Soares (2014), ainda cita a ideia de *performance*, baseada em Goffman que os usuários buscam uma “representação de si” dentro de sua própria aparência física “graças à profusão de dispositivos fotográficos ao alcance de todos e de qualquer um” (SOARES, 2014, p.187). Ainda, apresenta o *Selfie* como uma nova categoria de retrato, levantando questões sobre o narcisismo, mas também de auto expressão que também leva a perceber a semelhança com os *carte de visite* citado por JENKINSON (2012).

O rosto é a maior expressão do ser humano, sendo ele uma das primeiras partes a serem observadas para ser reconhecido ao meio de tantos homens. A

---

<sup>9</sup> Selfie é uma fotografia tirada de si mesmo, normalmente digital. A palavra vem do substantivo *Self* (em inglês, se traduz “eu”).

arquitetura facial é capaz de expressar emoções mesmo que não seja à vontade. Kubrusly (2006) reconhece isso e expressa:

Só os mamíferos superiores, em particulares os primatas, são capazes de usar o rosto para manifestar emoções ou sentimentos, e esta linguagem visual atinge seu desenvolvimento máximo na espécie humana. O sofisticado código de sinais faciais, que deve ter se aperfeiçoado muito antes da fala, é utilizado com tal automatismo e é tão universal que quase nunca sequer nos damos conta da sua existência. (KUBRUSLY, 2006, p.31)

Em seu texto, o escritor diz que o rosto é a identidade do sujeito, não suas digitais. Sendo capaz de ser reconhecido através de, até mesmo, um retrato de anos atrás ou até distorcidos em uma caricatura. Além de informar sobre o ânimo, estado de espírito e disposição. É através dele que se expressa a personalidade (KUBRUSLY, 2006). “O rosto identifica uma única pessoa e evoca seu modo de ser, sua personalidade e, eventualmente, suas ideias” (KUBRUSLY, 2006, p. 35).

Jenkinson (2012), diz sobre a dificuldade de capturar um bom retrato, citando que “para os fotógrafos, “o momento” é sempre indefinido, uma vez que eles têm que lidar com seus equipamentos de trabalho; a personalidade de seus assuntos e suas próprias emoções, dúvidas e agendas artísticas” (JENKINSON, 2012, p.8). Acredita-se que, além disso, extrair de alguém sua personalidade através do retrato, é um grande desafio, pois é comum que as pessoas queiram demonstrar um novo sentimento diante da câmera, diferente do que realmente sente. Possivelmente vejam a câmera como uma ameaça, algo capaz de extrair seus sentimentos verdadeiros, tendo o retrato o desafio de capturar uma fração de segundo – aquele quando o retratado é si mesmo diante da lente.

Kubrusly (2006), diz que no início da fotografia era grande o desejo de fotografar pessoas e o desejo delas em serem fotografadas, possivelmente a fim de preservarem a memória de si mesmas ou por simples questão de vaidade.

O ano de 1841 trouxe chapas mais sensíveis, objetivas muito mais luminosas e um processamento químico aprimorado, tornando possível o retrato. Inúmeros estúdios abriram suas portas a um público ávido e vaidoso, capaz de suportar qualquer tipo de sacrifício para ver sua imagem na pequena placa prateada dos daguerreótipos, que alguém chamou de espelho com memória. Os estúdios surgiram em cada esquina, ocupando, quase sempre, a parte mais alta dos prédios, para aproveitar plenamente a luz do sol. Mas enquanto a burguesia consumia deslumbrada sua própria imagem nas chapinhas metálicas, espíritos mais críticos questionavam as consequências visuais de uma imobilidade sustentada por vários minutos, com a ajuda de cadeiras especiais dotadas de pinças para segurar a cabeça” (KUBRUSLY, 2006, p. 38)

Independente de como as pessoas via e vê o retrato, a fotografia é um meio de expressão pessoal, e todo artista ou fotógrafo define retrato como compreende em si mesmo. “E é essa definição pessoal que faz com que sejamos artistas em vez de técnicos” (JENKINSON, 2012, p.10). E Kubrusly (2006, p. 37), diz que “A fotografia se apossa de todo o poder de comunicação do rosto para criar este objeto paradoxal, inanimado e vivo ao mesmo tempo: o retrato fotográfico”.

### 3.1 FOTÓGRAFOS E SEUS RETRATOS NA MOBGRAFIA

Em meio à tantos fotógrafos inseridos na tendência da Mobgrafia, são notáveis que suas obras, explorem diferentes categorias fotográficas como paisagem, fotografia urbana, comercial e outros. Suas imagens em sua maioria são publicadas na rede social Instagram, e nota-se que o retrato é pouco explorado.

Dentre os nomes que se pode citar, Paulo del Valle<sup>10</sup> é fotógrafo comercial de viagens e criador de conteúdo, sendo um dos mais influentes na sua profissão. Já foi criador de conteúdo para a SRS, logo virou Instagrammer. Estudou fotografia por conta própria e hoje fotografa com a máquina que estiver em mãos, até mesmo o aparelho celular (PAULODELVALLE, 2017).

Na fotografia apresentada (Figura 14), o fotógrafo explora o contraste entre luz e sombra, que por fim, apresenta a silhueta de um corpo humano. A bandeira ao fundo chama a atenção por conta das cores tão marcantes, tornando-se a primeira coisa a ser notada da imagem. Mesmo sem a presença de detalhes do rosto da pessoa retratada, ainda é possível notar que a pessoa é o assunto da imagem, assim se tratando de uma fotografia de retrato. É curioso perceber que mesmo sem os detalhes, é possível reconhecer do que se trata a imagem.

Além de Paulo, a rede social conta com diversos criadores de conteúdos através da imagem. Promovidos pelo Instagram ou não, há muitas pessoas explorando seus equipamentos e compartilhando imagens feitas com o telefone celular, como é o caso de Cesar Ovalle. Foi fotógrafo da capa do álbum “Agora” da banda NX Zero. Com tamanho sucesso, chegou a assinar uma capa da revista de música Rolling Stone (Portilho, Osmar, 2015), e hoje, embora seu trabalho seja fotografar diferentes músicos, ele usa sua conta no instagram para divulgar suas

---

<sup>10</sup> Perfil no Instagram: @paulodelvalle

imagens do cotidiano, capturadas pelo celular (CESAROVALLE, 2015). Em 2014, ministrou seu primeiro workshop de Mobgrafia, produzido pela mObgraphia Cultura Visual, ano da primeira edição do festival.

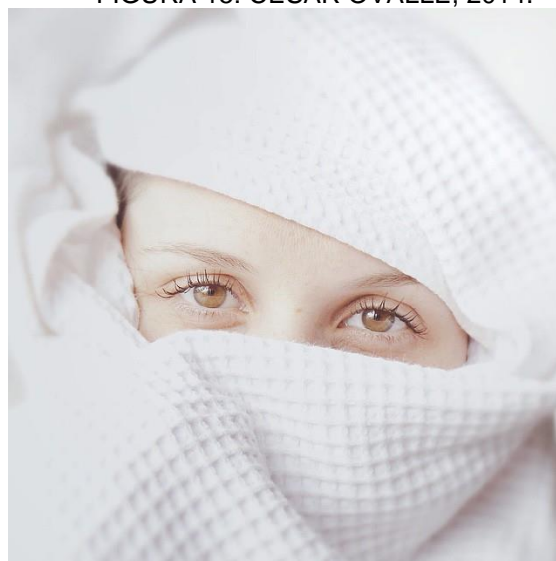
Na imagem (Figura 15), Cesar apresenta uma fotografia ao contrário da proposta de Paulo. Nela, explora os tons claros e quase a ausência de sombras, dando leveza à composição. Os olhos são o primeiro detalhe notável, que dá a sensação do expectador estar sendo observado, mergulhando nas cores e no olhar agradável.

FIGURA 14: PAULO DEL VALLE, 2018.



FONTE: MATERIAL DIDÁTICO DO CURSO "COMO TIRAR FOTOS INCRÍVEIS COM SEU CELULAR".

FIGURA 15: CESAR OVALLE, 2014.



FONTE: INSTAGRAM/CESINHA

Outro fotógrafo que se pode citar é Fabs Grassi. Fotógrafo interessado em retratos, entusiasta na Mobgrafia, explora suas imagens através do equipamento que for possível. Foi notado por uma marca de telefones móveis por suas imagens, e convidado para fazer pequenos vídeos ensinando como tirar bons retratos com o celular. Em seu vídeo, ensina a importância de direcionar o olhar. Na imagem (Figura 16), apresenta o olho dominante da modelo centralizado na imagem, dando a sensação de que ela está observando o expectador. Junto a isso, observa que um dos braços da pessoa retratada, está direcionando o expectador a notar esse olhar. A imagem se apresenta em uma composição colorida, onde as cores são muito bem exploradas no cobertor – presente no segundo plano, e na roupa da modelo. A luz e

a sombra se mostram de forma suave. Os tons quentes e frios se misturam na imagem, criando uma composição curiosa e ao mesmo tempo agradável.

FIGURA 16: FABS GRASSI, #CAPTUREOMOMENTO, 2017.

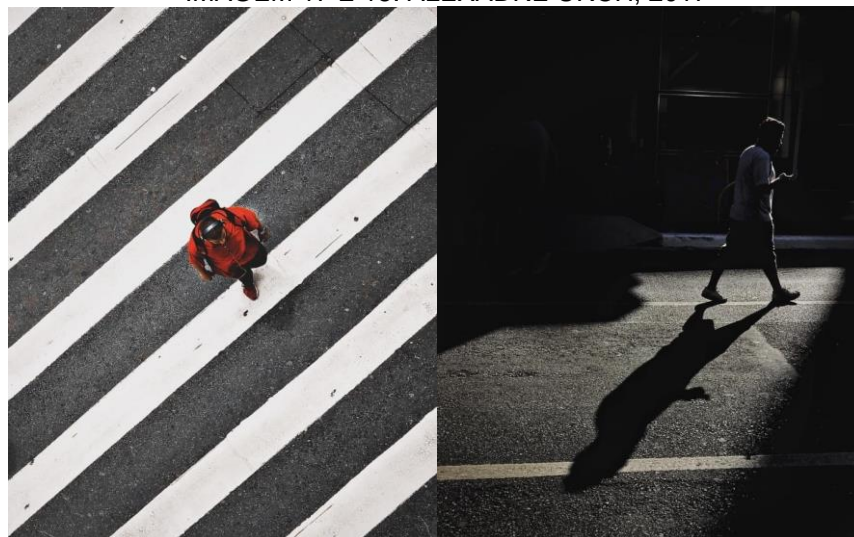


FONTE: INSTAGRAM/FABSGRASSI

Por último, dentre os convidados da série de se destaca Alexandre Urch, fotógrafo profissional de São Paulo. “Seu trabalho é focado na fotografia autoral, onde se destaca a apropriação e exploração de imagens do cotidiano que buscam tornar o invisível e ordinário visível para todos utilizando as mais diversas técnicas e equipamentos fotográficos” (ATRAVES.TV, 2018).

Nas imagens, Alexandre funde a fotografia de retrato junto a fotografia urbana, mostrando, ainda, o homem como assunto no quadro. Na figura 17, usa a faixa de pedestre como elemento da composição, se tornando o fundo com textura da obra. Na figura 18, explora a luz e sombra em um contraste pesado, que combina com a aflição da cidade grande.

IMAGEM 17 E 18: ALEXADRE URCH, 2017



FONTE: INSTAGRAM/AURCH

A Mobgrafia vem se consolidando aos poucos, criando novos perfis dedicados ao movimento gradualmente. Por exemplo, Andreh Santos<sup>11</sup> é de São Paulo, e dono de um dos perfis dedicados totalmente a publicar fotografias realizadas com o celular. Assim como muitos perfis, nota-se que em sua maioria essas imagens são voltadas as categorias urbanas e arquitetura; e os retratos com o celular aparecem timidamente diante de inúmeras paisagens urbanas, mas que progressivamente conquista seu espaço.

---

<sup>11</sup> Perfil no instagram: @andrehsantos

#### 4 PROPOSTA FOTOGRÁFICA

A partir da contextualização histórica do retrato e a compreensão do que é a Mobgrafia, construiu-se a necessidade da realização de obras de retrato fotográfico com celular. A proposta artística tem como inspiração o uso das cores, notados na seção anterior. Portanto, se optou por enfatizar o uso consciente das cores no retrato.

As cores nos causam sensações, transmitem beleza e tem seus significados específicos em algumas culturas. Através da pesquisa de Ana Camila Nunes (2012), compreendeu-se melhor sobre a relação das cores no cotidiano. Ela diz que, a percepção das cores é mais complexa do que a simples sensação, com base em três aspectos importantes: matiz (comprimento da onda), intensidade (luminosidade) e o croma (saturação ou pureza da cor). Esta percepção está ligada ao nosso sistema sensorial, que transmite mensagens compreensíveis a todos (NUNES, 2012). É certo que as cores têm influências sobre nós, e também “as cores falam sobre nós” (NUNES, 2012, p.67).

Trata-se de uma linguagem complexa, em parte influenciada pela nossa cultura, em outra pela condição da nossa individualidade psicológica, sempre reveladora de um componente inconsciente e sugestivo do qual a cor representa a chave de acesso (NUNES, 2012, p.67).

Diante disso, a prática fotográfica deu-se através de um improviso de estúdio em diferentes locais. Explorando a luz natural, que é a melhor luz captada nas câmeras de celular, as cores foram exploradas através da vestimenta – criando uma mimese entre figura e fundo; e o fundo anexado, feito de papel cartão. As pessoas retratadas nestas composições são pessoas que se disponibilizaram a participar, com a autorização para uso de imagem nesta pesquisa.

FIGURA 19: RETRATO 1



FONTE: AUTOR, 2018.

A primeira imagem obtida foi capturada em um ambiente interno com luz natural de uma janela à esquerda da foto. A cor da roupa da modelo é a mesma do fundo, embora com tonalidades diferentes, apresentando a distância entre os planos. O amarelo que normalmente transmite a sensação de alegria foi tomado pelo semblante calmo, se tornando a sensação de destaque na imagem. A modelo centralizada apresenta equilíbrio aos ombros, que por sua vez não estão retos. De acordo com Hurter (2011), em seu livro “Fotografia de Retrato”, os ombros do modelo devem ser “virados” em ângulo em relação à câmera.

O rosto levemente virado de lado é quase uma regra do retrato, neste caso, faz-se uso da posição  $\frac{3}{4}$ , na qual o rosto fica mais evidente de um lado, o suficiente para esconder a orelha mais distante ainda sem enxergar os dois olhos (HURTER, 2011). A inclinação suave da cabeça direciona o olhar da pessoa retratada e até mesmo do observador, que só encontra a cor amarela. Compreende-se que os olhos são a parte mais expressiva do rosto, o olhar se mostra observador em relação à alguma coisa que acontece fora do quadro da imagem.

A imagem com recorte vertical apresenta a modelo na mesma direção. Mantém textura através das vestimentas e contraste em relação à cor, se compararmos a tonalidade de seu cabelo com o fundo amarelo.

FIGURA 20: RETRATO 2



FONTE: AUTOR, 2018.

A segunda imagem explora a sensação de leveza da cor branca junto ao toque delicado da modelo. A cor que deveria ganhar destaque dá lugar ao tom de pele, que é tratado com carinho na imagem. Na composição, é trabalhado o contraste através da luz e da sombra, e cores. Ainda tem-se a presença de textura através da vestimenta, captada com a luz natural em um ambiente interno. Ao fundo, é explorado um material diferente, o tecido.

Explorando a luz natural, desta vez em um ambiente externo, criou-se uma composição com a cor vermelha (Figura 21). Embora o retratado direcione o olhar para o lado esquerdo, o posicionamento do rosto ao lado direito se mantém predominante. A posição do corpo em relação à cabeça, forma propositalmente, uma linha diagonal no quadro da imagem. O vermelho que, normalmente remete-se a paixão e ao calor, tornou-se notável no retrato. Com a captura da imagem realizada num local protegido do sol, a presença das sombras se tornou suave, sendo o suficiente apenas para criar a tridimensionalidade.

FIGURA 21: RETRATO 3



FONTE: AUTOR, 2018.

Na última imagem, se destaca a cor rosa. Desta vez, foi explorada a posição dos ombros retos, de frente para o quadro. A composição foi realizada em um ambiente externo, protegido da luz solar; resultando em sombras suaves para dar a tridimensionalidade suficiente ao rosto da modelo. A sensação de leveza foi investigada por meio do semblante da retratada, que por sua vez, tem o direcionamento do olhar, do expectador, através do cabelo que o direciona até o centro do retrato.

FIGURA 22: RETRATO 4



FONTE: AUTOR, 2018.

Para a criação deste fundo, tornou-se necessária a invenção de um estúdio fotográfico; tornando inevitavelmente tornando as fotos imagens produzidas e não uma captura de retratos espontâneos. Analisando as vestimentas da primeira pessoa retratada, percebeu-se a possibilidade do fundo ter conexão com as roupas. Assim, criou-se a ligação das cores na mesma imagem.

A escolha de fazer retratos de pessoas presentes no cotidiano foi algo pensado para gerar mais conforto entre câmera e modelo. Mesmo assim, a direção de modelos foi uma das maiores dificuldades encontradas na produção.

A finalidade da proposta apresentada, além de explorar o uso do retrato e a Mobgrafia como subsídios para a criação de imagens, é apresentar ao espectador a sensação de cor. Cada tonalidade, em cada um, apresenta diferentes sensações e lembranças e através das imagens é explorada a relação dos sujeitos e sua identificação com a coloração escolhida naquele momento.

Os retratos aqui apresentados foram realizados por meio de um *smartphone*, e editados com os aplicativos de edição de imagem Adobe Photoshop Lightroom CC

e VSCO. Assim, criou-se a série “Retratos”. Uma proposta artística apresentada através da Mobgrafia, que busca incentivar a prática fotográfica através do celular.

Diante disso, percebeu-se que a principal diferença na Mobgrafia com as câmeras convencionais foi sua praticidade e instantaneidade na captura e na edição de imagens. Ainda com a qualidade da câmera sendo inferiores as DSLR, a qualidade da imagem foi suficiente para obter bons resultados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia com celular, aos poucos, têm ganhado seu espaço no mundo contemporâneo. Através de sua contextualização e reconhecimento, se observa que seu uso tem se tornado cada vez mais frequente por fotógrafos profissionais. Com a problemática de haver poucas pesquisas publicadas sobre a Mobgrafia, encontrou-se dificuldade em apresentar autores que trabalhassem a temática.

Considerando a fotografia uma linguagem que chega a diferentes públicos, de diferentes idades, a prática na Mobgrafia mostra-se como algo democrático, que dá palco para todos os simpatizantes através da rede social Instagram. Além desta plataforma, apresentaram-se concursos que levam com seriedade esta nova prática fotográfica, que dá vez aqueles que buscam se destacar na imensidão de imagens publicadas no *ciberespaço*, buscando valorizar as imagens capturadas com telefones móveis com câmeras, apresentando seu uso na arte.

Na pesquisa de campo sobre fotografia com o celular, apresentam-se informações a respeito da Mobgrafia e os artistas que trabalham com esta nova prática, além da relação dos mesmos com o retrato. Das dificuldades deste trabalho, encontraram-se escassez da temática em livros e web, por ser um movimento artístico (ou instrumento técnico) bem atual, que surgem timidamente escritos sobre o tema.

Antes de apresentar uma proposta fotográfica, buscou-se reconhecer o retrato como um gênero artístico já consolidado, desenvolvendo uma linha histórica, foi contextualizada a aplicação do retrato em alguns períodos artísticos, identificando seu uso nas esculturas, pinturas e na fotografia. Para isso, a busca em livros, artigos e sites foram suficientes e extensas.

Por último, apresentou-se uma proposta fotográfica artística que, buscou explorar o retrato e a Mobgrafia como recursos para a mesma. Fazendo do fundo com cor uma característica da imagem, usando tecidos e papéis cartaz como materiais de produção. A criação desta proposta teve como objetivo fazer um experimento com a fotografia em *smartphones* e incentivar sua prática.

Da experiência criada durante essa pesquisa, foi prazeroso sair da zona de conforto e fotografar pessoas. Além de conhecer e reconhecer a tendência da Mobgrafia como algo que têm ganhado seu espaço e merece reconhecimento, já que é algo tão atual e preciso para compreender os movimentos artísticos que

acontecem no mundo contemporâneo. Diante disso, acredita-se que esta é uma pesquisa necessária.

O fazer artístico mostrou-se importante dentro da formação de licenciado em artes, além da pesquisa que abriu portas para a compreensão e transmissão deste conhecimento com propriedade.

## REFERÊNCIAS

BLOG ATRAVES. Não paginado. Disponível em: <<http://atraves.tv/alexandre-urch/>> Acesso em 16 out. 2018

BLOG HISTÓRIA DAS ARTES. Não paginado. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/>> Acesso em: 21. Out. 2018

BLOG IPHONE PHOTOGRAPHY AWARDS. Não paginado. Disponível em: <<https://www.ippawards.com/>>. Acesso em: 15 mar. 2018

BLOG MIRA MOBILE PRIZE. Não paginado. Disponível em: <[miramobileprize.com](http://miramobileprize.com)>. Acesso em: 15 fev. 2018

BLOG MOBGRAPHIA CULTURA VISUAL. Não paginado. Disponível em: <<https://mobgraphia.com/>>. Acesso em: 15 fev. 2018

BLOG POPKORN. Não paginado. Disponível em: <<http://popckorn.com/>>. Acesso em: 15 fev. 2018

BLOG TECMUNDO. **175 anos de fotografia: conheça a história dessa forma de arte.** Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/fotografia-e-design/60982-175-anos-fotografia-conheca-historia-dessa-forma-arte.htm>> Acesso em: 19 out. 2015

BLOG TECMUNDO. **História: a evolução do celular.** Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/celular/2140-historia-a-evolucao-do-celular.htm>>. Acesso em: 19 out. 2015

BORTONE, Mayra Gomes. **Da fotografia à mobgrafia: um recorte sobre como as novas mídias transformam o modo de produção, compartilhamento e consumo de cultura.** Universidade de São Paulo - USP. Escola de comunicações e artes. Centro de estudos latino-americanos sobre cultura e comunicação (CELACC). 2017  
BRUNET, Karla Schuch. **Fotografia por celular: questionando novas práticas e dinâmicas de comunicação.** Santos: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2007

CARNEIRO, J.; OLIVEIRA, W. **As redes sociais virtuais como um espaço de representação do “eu”: uma análise do instagram no facebook.** IV Pró-Pesq PP – Encontro de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda, 2013. CRP/ECA/USP

CESAR Ovalle. Disponível em: <http://www.cesarovalle.com.br/>. Acesso em: 20 out. 2017

FAINGUELERNT, Mauro. **A câmera escura e a fotografia.** Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2014.

FREEMAN, Michael. **A arte da fotografia digital** - Porto Alegre: Bookman, 2013

GOMBRICH, E. H (Ernst Hans), 1909-2001 – A História da Arte/ E.H. Gombrich; tradução Álvaro Cabral. – [Reimpr.]. –Rio de Janeiro : LTC, 2012.

HURTER, Bill. **Fotografia de retrato**. Trad.: Tim Martin. Balneário Camburiú, SC: Photos, 2011.

INSTAGRAM. Disponível em: <<https://instagram.com/about/faq/>> Acesso em: 28 out. 2015

INSTITUTO CULTURAL ITAÚ. **Gêneros da Pintura**. Ed: Inst. Cultural Itaú; São Paulo, 1995.

JENKINSON, Mark. **Curso de fotografia para retrato: fundamentos, técnicas e prática: o guia essencial para fotógrafos**. São Paulo: Editora Europa, 2012.

KUBRUSLY, Cláudio A. **O que é fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos; 82)

MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H. História das Artes. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/> . Acesso em: 21 out. 2018

NUNES, Ana Camila. **Informação através da cor**. A Construção Simbólica Psicodinâmica das Cores na Concepção do Produto. Modapalavra: E-periódico, Florianópolis, v.9, p.63-71, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/issue/view/322/showToc>>. Acesso: 21 set. 2018

OLIVEIRA, Erivam Moraes. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital. Biblioteca on-line de ciências da computação**. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/oliveiraerivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>>. Aceso em: 14 mar. 2018

PAULO del Valle. Disponível em: <<http://paulodelvalle.com/pb/>>. Acesso em: 21 set. 2018

PERBONI, Janaine. **História e Análise Do Retrato Na Fotografia**. Caxias do Sul – RS: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, Intercom, 2017.

SALLES, Filipe. **Breve história da fotografia**. São Paulo, 2004. Disponível em: <[www.miniweb.com.br/artes/artigos/História\\_fotografia.pdf](http://www.miniweb.com.br/artes/artigos/História_fotografia.pdf) >. Acesso em: 14 mar. 2018

SOARES, Luciano. **Do retrato ao selfie: um breve histórico da fotografia de si mesmo**. Curitiba, Universidade Tuiuti do Paraná – UTP, 2014

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

YOUTUBE. **Asus Fanáticos**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/asusfanaticos>>. Acesso em: 15 out. 2018